

Pesquisa Aberta à Imaginação

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

Filipe de Menezes Jesuino

Sarah Stella Bomfim

RESUMO

O estudo aborda implicações da noção junguiana de imaginação na produção de conhecimento científico em psicologia. São expostos os modelos de Robert Romanyshyn e Susan Rowland, e a hermenêutica junguiana é discutida para propor uma revisão da relação sujeito-objeto e uma abertura ao inconsciente na pesquisa, admitindo a criatividade como via de transformação dessa relação ao longo do método. Aplicam-se os conceitos explorados à pesquisa de Brito (2024) sobre a obra *Com meus olhos de cão*, de Hilda Hilst, visto que integra a perspectiva crítica de Gloria Anzaldúa, incorpora elementos como sonhos e sincronicidades em seu método e reflete a convergência entre arte, psicologia e ciência. A conclusão destaca as implicações da admissão da espontaneidade criativa do inconsciente na metodologia, como a preservação do valor simbólico e a transdisciplinaridade.

Palavras-chave: psicologia analítica; metodologia; imaginação; sincronicidade.

ABSTRACT

This study explores the implications of the Jungian notion of imagination for the production of scientific knowledge in psychology. It presents the models of Robert Romanyshyn and Susan Rowland and discusses Jungian hermeneutics to propose a revision of the subject-object relationship and an opening to the unconscious in the investigative process, allowing creativity as a way of transforming this relationship throughout the method. The concepts explored are applied to Brito's research on Hilda Hilst's "Com meus olhos de cão" (2024), as it integrates Gloria Anzaldúa's critical perspective, incorporates elements such as dreams and synchronicities into its method, and reflects the convergence between art, psychology, and scientific knowledge. The conclusion highlights the implications of incorporating the creative spontaneity of the unconscious into the methodology, such as the preservation of symbolic value and transdisciplinarity.

Keywords: analytical psychology; methodology; imagination; synchronicity.

Sobre os Autores

J. K. N. B.
orcid.org/0000-0003-1974-5283
Universidade Federal de São João
del Rei (UFSJ) – São João del Rei,
MG
jessiane.kelly@aluno.ufsj.edu.br

F.M.L.
orcid.org/0000-0003-0374-3160
Centro Universitário Christus
(UniChristus) – Fortaleza, CE
filipemjesuino@gmail.com

S. S. B.
orcid.org/0009-0000-8327-3466
Universidade Federal de São João
del Rei (UFSJ) – São João del Rei,
MG
bomfim.sarah@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Com a crescente produção acadêmica em Psicologia Analítica no Brasil, algumas produções vêm enfocando as possibilidades e características da produção de conhecimento a partir desse campo teórico (Penna, 2009; Vechi, 2018; Wahba, 2019; Wahba & Ulisses, 2020). O pioneiro trabalho de Penna (2005, 2007, 2009) elucida uma metodologia de pesquisa fundamentada na obra de Jung e faz uma contextualização do método hermenêutico junguiano no panorama da metodologia qualitativa de pesquisa, aproximando os fundamentos filosóficos e epistemológicos da Psicologia Analítica da concepção pós-moderna de cientificidade (Penna, 2005).

Em discussão análoga, Wahba (2019) relembra o investimento de Jung na constituição de uma psicologia científica e de caráter unificado, reunindo ideias e pressupostos de outros teóricos relevantes de sua época e se inserindo no debate a respeito da subjetividade do cientista, antecipando-se a questões que transformariam as ciências humanas no séc. XX. Assim como Vechi (2018), Wahba (2019) sugere alguns parâmetros metodológicos a se seguir para uma aproximação da dimensão inconsciente ao longo de uma pesquisa.

Vechi (2018) e Wahba (2019) vão além de Penna (2005, 2007) em suas proposições, ao enumerar etapas da hermenêutica junguiana que podem ser assimiladas ao processo de pesquisa. A partir de Humbert (1985), tais etapas corresponderiam às atividades da consciência no processo: deixar acontecer (*Geschehenlassen*); considerar/impregnar-se (*Betrachten*); e confrontar-se com (*Sich auseinanderstzen*). A elas, Vechi (2018) acrescenta ainda a amplificação como etapa interpretativa. No entanto, os autores não demonstram ou apresentam qualquer passagem da consecução de tal processo hermenêutico. Mantêm-se no *hall* de trabalhos sem demonstração da aplicação prática de sua proposta e reconhecem essa ausência como limite importante de seu trabalho (Vechi, 2018).

Enfatizamos como elemento comum nesses textos o destaque da ideia de *esse in anima* (ser na alma), de acordo com a qual a realidade é vivida sempre a partir do ponto de vista psicológico, permeada pela fantasia - ou imaginação - na experiência do sujeito com o objeto. O conhecimento ou o saber possível decorre de uma experiência situada entre o objetivo e o subjetivo.

Daí, acentua-se a consideração especial à subjetividade do pesquisador e, mais especificamente, à atitude demandada diante do objeto pesquisado. Revela-se, com isso, uma abertura constitutiva - pois firmada em conceitos fundamentais - da psicologia analítica para outras formas de pensar a produção de conhecimento desde a noção de imaginação, pois psique é imagem (Jung, 1912/1998, 1947/2000).

Nas recentes pesquisas acadêmicas nacionais em Psicologia Analítica, há investigações cuja metodologia parte

da hermenêutica propriamente junguiana para compreender fenômenos psicológicos com compromissos que vão do nível sociocultural (Mota, 2019) ao clínico (Souza & Melo, 2023). Ensaiam, assim, inovações metodológicas fundamentadas em proposições radicais de Jung, inclusive na de imaginação (Seixas & Mendonça, 2024).

Compreendemos que, embora já haja discussão relevante sobre as implicações da noção junguiana de psique na investigação científica, ela ainda se dirige, sobretudo, às mudanças na delimitação do objeto e à problematização teórica da participação do sujeito (Penna, 2005, 2007; Vechi, 2018; Wahba, 2019). Esses estudos carecem de uma discussão mais minudente sobre as implicações da noção de imaginação na Psicologia Analítica e de suas consequências sobre a metodologia. Diante dessa insuficiência, assumimos o compromisso de abordar algumas implicações da perspectiva junguiana, com ênfase em seu entendimento de imaginação ou criatividade, sobre as considerações metodológicas de pesquisa.

Para a consecução desse objetivo, explicitaremos alguns tensionamentos metodológicos promovido pelas conceituações junguianas e exporemos, de forma sintética, dois modelos que levam a espontaneidade criativa do inconsciente em consideração: o *pesquisador ferido* de Robert Romanyshyn (2021) e a *pesquisa junguiana baseada em artes* de Susan Rowland. Em seguida, apresentaremos uma discussão da condução metodológica da pesquisa de Brito (2024) a respeito da obra *Com meus olhos de cão* de Hilda Hilst (2006), que abordaremos sob a perspectiva crítica dos modelos expostos. Com isso, esperamos deixar indicações do trabalho de pesquisa que se abre metodologicamente à imaginação.

TENSIONAMENTO METODOLÓGICO DA PSICOLOGIA JINGUIANA

Desde o início da modernidade, o modelo científico se estruturou em torno de uma separação rígida entre sujeito e objeto (Rowland, 2021). O sujeito, no contexto científico tradicional, é o agente ativo e racional que, por meio de experimentos controlados e reproduzíveis, busca desvendar as leis imutáveis do objeto. A ideia de espontaneidade criativa do inconsciente (Jung, 1912/1998) que a Psicologia Analítica defende revoluciona a noção paradigmática - qualquer que seja o paradigma - de separação entre sujeito e objeto.

As noções propostas por Jung (1912/1998) fazem isso ao tornar tema central a investigação de imagens (ou símbolos) e reconhecer que estas podem emergir no sujeito ou no objeto e tratar tanto de um quanto de outro e, até mesmo, da relação viva entre os dois. A separação entre sujeito e objeto já não trata de posições estagnadas, apenas diz respeito a quem tem interesse em produzir um estudo e quem não.

No século XX, o pensamento científico geral evoluiu da pressuposição de uma ação puramente consciente e neutra do pesquisador para a consideração da interferência inconsciente do sujeito sobre o objeto. Sua presença física, história pessoal, valores e criatividade são fatores que influenciam a investigação científica.

Além disso, vários pensadores, como Lorenz, Gödel e Prigogine, reconheceram que os sistemas biológicos, químicos e matemáticos também possuem atributos de propositividade, criatividade e instabilidade (Santos, 2009). O objeto deixa de ser considerado elemento passivo e passa a ser visto como entidade dinâmica que, de certo modo, responde ao sujeito. A criatividade se revela como um eixo de transformação nas relações entre o sujeito e o objeto. A Psicologia Analítica nos adverte, a esse respeito, que sempre é preciso considerar a interferência inconsciente tanto no método quanto no par sujeito-objeto de pesquisa, uma vez que na pesquisa junguiana, sujeito e objeto coincidem (Jung, 1950/2006).

Rowland (2021) argumenta que a imagem, para Jung, não é mero reflexo do mundo exterior, mas uma manifestação da psique profunda, uma expressão do ser interior. A imagem psíquica não molda o que vemos. É, em si, a forma de realização do conhecimento. A pesquisa científica - delimitação de objeto, metodologia, interpretação e teorização - é, assim, um reflexo do nosso acontecer psíquico. Psique investiga psique e isso diz respeito às imagens que emergem na interação entre eu e outro *desde qualquer uma das partes*.

Ao tratarmos de imagem, não temos apenas compensação da primazia unilateral do sujeito, mas também da ênfase exacerbada no intelecto. Se negligenciarmos a dimensão simbólica e emocional da relação sujeito-objeto, corremos o risco de um distanciamento empático que pode gerar catástrofes em virtude da falha em reconhecer o impacto das projeções inconscientes (Jung, 1952/1997) sobre o mundo material. Os exemplos de catástrofes dessa magnitude são recorrentes, como as bombas atômicas do Japão, o desastre de Brumadinho e os campos de concentração na Alemanha e no Ceará.

Nesses casos, o discurso do outro é suplantado por um discurso sobre o outro. O outro é silenciado, como a sombra (Jung, 2015/1951). Caso nos conscientizemos da nossa psique sombria projetada, nossa percepção do objeto muda. A reflexão psicológica transforma o objeto, pois mudamos a nós mesmos. Essa transformação é uma via de mão dupla, pois sujeito e objeto são aspectos de um mesmo processo psíquico.

Essa relação entre sujeito e objeto é complexificada pela introdução de dois conceitos centrais da psicologia junguiana: o inconsciente coletivo e a sincronicidade. Jung (1912/1998) descreve o inconsciente coletivo como uma dimensão espontânea e criadora de imagens. Von Franz

(1988) argumenta que o termo "inconsciente" é adequado porque nos lembra de nossa ignorância em relação a essa força criativa que opera além da nossa consciência, portanto, na interação sujeito-objeto, mediada pelo inconsciente, não seguimos uma lógica linear ou previsível. É preciso estar atento.

Com a noção de sincronicidade, Jung (1952/1997) sugere que eventos aparentemente desconexos no tempo e no espaço podem se relacionar de forma significativa. Jung introduz a noção de arquétipo psicóide, com o que extrapola a ideia de organização a priori das imagens psíquicas. O arquétipo assume, desta forma, a posição organizadora tanto das imagens da psique quanto do mundo material. O inconsciente coletivo, assim, não está limitado ao interior da mente humana, atua também no mundo físico, biológico e social. Essa ideia remete ao princípio alquímico de correspondência entre o macrocosmo e o microcosmo, onde a alma humana e a matéria estão em constante interação e transformação (Von Franz, 1997).

No contexto da sincronicidade, o conceito de *unus mundus* emerge como uma proposta de unidade fundamental entre psique e matéria (Jung, 1952/1997). Esse princípio, que subverte a separação entre sujeito e objeto, propõe a existência de um terceiro elemento, sempre surpreendente e desconhecido, que atua como ordem subjacente que conecta todas as coisas. Essa visão tem implicações para a prática de pesquisa, pois sugere que a investigação científica não deve se limitar à análise racional, mas deve incorporar elementos de surpresa, abertura e criatividade, permitindo que o inesperado participe do processo.

Em suma, tanto a participação da imaginação criativa na relação sujeito-objeto quanto a interdisciplinaridade são demandas que emergem da própria teoria da Psicologia Analítica. A ciência moderna já reconheceu a interação bilateralmente transformadora entre sujeito e objeto. A Psicologia Analítica vai além. Sugere que a relação entre os dois é uma co-criação contínua, na qual o inconsciente desempenha um papel crucial e formador. A não integração dessas sugestões no método parece subutilizar a Psicologia Analítica.

Em outros contextos, como no campo das artes, oferecer uma obra ao mundo (influenciando-o) e engendrar-se a si mesmo desde uma inspiração ou inquietação imaginativa, parece ideia já visitada (Haraway, 2016; Rancière, 2008). À Filosofia, também, não são estranhas tais noções, ao menos quando relacionadas à arte, como podemos verificar longamente nas obras de Foucault (2014), Deleuze e Guattari (2020) e Gadamer (2015), por exemplo. O pensamento de Jung, em nosso entendimento, tensiona o fazer científico, ao menos o da Psicologia Analítica, em direção análoga.

Partindo dessas considerações, destacamos dois modelos metodológicos bem estruturados, mas que não pretendem ser modelos fechados e/ou completos. Fornecem-

nos reflexões e procedimentos para tornar a pesquisa mais próxima das propostas de Jung.

ROBERT ROMANYSHYN E O PESQUISADOR FERIDO

Robert Romanyshyn (2021), propõe uma abordagem que incorpora a subjetividade e o inconsciente do pesquisador como elementos centrais no processo de investigação, focando na interconexão entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Para ele, a Psicologia deve abraçar as dimensões subjetivas e simbólicas da experiência humana em adição à racionalidade materialista do método científico clássico. A objetividade verdadeira é, para ele, o resultado de uma subjetividade plenamente engajada e consciente.

Romanyshyn (2021) parte da pergunta “Quem está escrevendo este trabalho?” e, com ela, desafia a visão do pesquisador como uma entidade neutra e objetiva, propondo que a pesquisa nasce de um impulso subjetivo e de uma ferida existencial. Essa ferida emerge do reconhecimento de que a subjetividade do pesquisador está intimamente envolvida no processo, muitas vezes inconscientemente e, por isso, ele é reivindicado ao trabalho em um nível profundo, ainda que o pesquisador não o reconheça conscientemente.

A fenomenologia proposta pelo autor reflete o pensamento de Jung (1947/2000) sobre a importância da imagem. Ela não é tomada como representação da realidade, mas como realidade psíquica e como única forma de acesso à realidade.

Romanyshyn (2021) delinea, daí, as etapas do processo de pesquisa, que segue um fluxo mais espiritual e simbólico do que um método convencional de investigação acadêmica. O primeiro estágio é a *vocação*, onde o pesquisador reconhece que foi chamado para um trabalho específico, atraído para o objeto de estudo de forma visceral e emocional, como num apaixonamento amoroso. Isso não é necessariamente claro desde o início. A natureza do que é solicitado pelo objeto de pesquisa emerge lentamente, ao longo do trabalho.

O segundo estágio envolve o *devaneio*, uma prática fundamental que permite ao pesquisador acessar a psique inconsciente, influenciada pela técnica junguiana de imaginação ativa (Boechat, 2012; Jung, 1947/2000). O sujeito assume uma disposição consciente que acolhe a livre emergência de imagens e fantasias. Romanyshyn (2021) sugere que o pesquisador mantenha um diário, semelhante ao *Livro Vermelho* de Jung (Boechat, 2012) como forma de constituir um *espaço ritual* propício para a manifestação do inconsciente.

O terceiro estágio envolve a *figuração do espaço*, a criação de um ambiente simbólico e ritualístico onde o pesquisador pode interagir com as imagens inconscientes. Esse conceito ecoa o uso do *temenos*, compreendido na

psicologia junguiana como um espaço sagrado onde o inconsciente pode se manifestar com o compromisso consciente de acolhê-lo (Stein & Schwartz-Salant, 2021). A *hospitalidade* às imagens, aqui, é essencial. Essa atitude de abertura possibilita o surgimento de epifanias e *insights* que, de outra forma, permaneceriam ocultos.

Na fase de *incubação*, o pesquisador se entrega ao processo de espera. Romanyshyn (2021) enfatiza que esse estágio requer paciência e uma espera pela manifestação do inconsciente desprovida de expectativas ou demandas voluntárias. Durante esse estágio, é comum surgir resistência, que pode se manifestar como impaciência ou frustração. A presença de um companheiro de pesquisa ou terapeuta que possa ajudar o pesquisador a lidar com essas resistências e manter o foco no processo é recomendada.

O próximo passo é o *engajamento com as imagens*, em que se começa a dar forma concreta ao material emergente do inconsciente. Esse processo é comparável à *imaginação alquímica*, em que as imagens simbólicas são transformadas em algo tangível e significativo.

Romanyshyn (2021) introduz, enfim, a ideia da amplificação acadêmica, que envolve o uso de referências culturais, mitológicas e arquetípicas para expandir o significado das imagens emergentes. Jung (1947/2000) utilizava esse método em suas análises de sonhos e símbolos, como nos seminários sobre visões e em suas reflexões sobre a função transcendente. A amplificação permite que o pesquisador conecte o material pessoal com símbolos e temas mais amplos, facilitando uma compreensão mais profunda e ampla do conteúdo emergente.

Romanyshyn (2021) acrescenta a essas etapas a noção de hermenêutica alquímica, um processo vivo de compreensão que reconhece o inconsciente como participante ativo na pesquisa. Tal método pode ser aplicado a qualquer abordagem de pesquisa, mas não é um substituto para os métodos tradicionais. Oferece, em vez disso, uma forma de tornar esses métodos mais completos, abrindo espaço para os sonhos, sintomas, sincronicidades e afetos do pesquisador. O objetivo é integrar esses conteúdos emergentes à pesquisa formal.

Em conclusão, o modelo de Romanyshyn (2021) desafia o pesquisador a abraçar sua subjetividade, sua ferida e o inconsciente como partes essenciais do processo de investigação. Através de etapas como a *vocação*, o *devaneio* e a *amplificação*, ele propõe uma forma alquímica de pesquisa que transforma não apenas o objeto de estudo, mas o próprio pesquisador. A pesquisa, nesse contexto, é um processo de autotransformação, onde a subjetividade é um caminho para a verdadeira objetividade e compreensão.

SUSAN ROWLAND E A PESQUISA JUNGUIANA BASEADA EM ARTES

A pesquisa baseada em artes (*Arts-Based Research*, ou ABR) é uma metodologia relativamente nova nas ciências humanas. Ela oferece formas de investigação qualitativa que se utilizam de procedimentos artísticos para acessar e expressar experiências dificilmente acessíveis pelos métodos científicos tradicionais. A psicologia junguiana, que enfatiza os processos simbólicos inconscientes, encontra um ponto de intersecção natural com essa abordagem. Susan Rowland (2021) propôs, daí, a Pesquisa Junguiana Baseada em Artes (*Jungian Arts-Based Research*), síntese entre a pesquisa baseada em artes e a psicologia junguiana, criando um modelo metodológico que integra arte, criatividade, inconsciente e conhecimento simbólico.

Rowland (2021) destaca que, no contexto ocidental moderno, a arte foi gradualmente despojada de muitos dos papéis significativos que desempenhou ao longo da história, como suas funções terapêutica e religiosa, e foi relegada à esfera da estética e do entretenimento. Em sociedades tradicionais, era comum que as expressões que reconhecemos como artísticas atuassem como um veículo sagrado e coletivo para acessar realidades invisíveis, processar emoções profundas e dialogar com forças inconscientes e arquetípicas. Ao reconectar a arte com esses papéis antigos, a ABR pode restaurar sua capacidade de transformar tanto o indivíduo quanto a sociedade.

De acordo com Oliveira e Charreu (2016), a ABR reivindica o lugar da arte como forma legítima de conhecimento, especialmente por sua capacidade de abordar realidades invisíveis e múltiplas. Além disso, a ABR é inerentemente transdisciplinar. Une saberes e práticas de diferentes campos para questionar a separação tradicional entre sujeito e objeto.

Já a *Jungian Arts-Based Research*, de acordo com Rowland (2021), representa uma evolução dessas ideias, ao integrar a psicologia junguiana de forma mais explícita, oferecendo um arcabouço teórico sólido. A criatividade é vista como um processo dinâmico entre consciente e inconsciente. Por seu lado, a ABR oferece à psicologia junguiana uma metodologia concreta para explorar a criatividade, indo além da tradição erigida em torno da ciência positivista, que privilegia a observação e racionalização explicativa dos eventos sem considerar a participação criativa da própria atividade psíquica, descartando-a, de forma geral, como especulação metafísica. (Comte, 1978/1830).

Um dos princípios centrais da *Jungian Arts-Based Research*, segundo Rowland (2021), é o conceito de fazer terapia com o mundo, que está enraizado na ideia junguiana de individuação. Isso se firma sobre um entendimento comum com o de Ostrower (2014), de que o ato de criar requer um suporte na materialidade e que esta é sempre

tomada em um contexto de significação sociocultural. A criação artística permite que conteúdos inconscientes sejam trazidos à tona e integrados na consciência, ao mesmo tempo em que cria novas formas de entendimento que podem ser compartilhadas socialmente (Rowland, 2021).

A *Jungian Arts-Based Research*, portanto, assume a arte como processo transformador, que permite ao indivíduo explorar a sabedoria acumulada em tradições artísticas e culturais ao longo dos séculos. Esse aspecto dialógico da *Jungian Arts-Based Research* permite que ela se conecte com diferentes formas de conhecimento, criando uma abordagem transdisciplinar e integradora.

Para formalizar o processo da *Jungian Arts-Based Research*, Rowland (2021, 2023) identifica quatro etapas principais: paradigma, preparação, processo e *projectio*. O paradigma se refere à narrativa que uma cultura conta para gerar conhecimento e garantir sua validade. No paradigma junguiano, considerado pela *Jungian Arts-Based Research*, assume-se o inconsciente como fonte psicossomática inesgotável de conhecimento criativo e simbólico.

A preparação envolve a delimitação do tema de pesquisa, que pode se concentrar em dinâmicas da psique, no processo criativo ou em realidades socioculturais. O pesquisador deve se engajar tanto no estudo formal da literatura acadêmica quanto na consideração dos arquétipos manifestos nas formas de arte. Além disso, é necessário o que Rowland chama de “imersão corporal” — um estado em que o pesquisador está presente tanto na experiência artística quanto na investigação. Ele não é observador que reflete sobre o evento psíquico, mas, assim como os alquimistas, um investigador que reflete sobre a obra de cuja feitura participa.

O processo envolve a máxima participação das energias criativas do inconsciente coletivo, incorporando práticas junguianas como a imaginação ativa e a amplificação. A imaginação ativa (Boechat, 2012; Jung, 1947/2000) busca curar a divisão entre sujeito e objeto, permitindo que o inconsciente dialogue diretamente com o consciente através de imagens da fantasia, sonhos e sincronicidade. A amplificação, por sua vez, intensifica e evoca o sentido das imagens e as conecta a temas universais da humanidade.

A última etapa, *projectio*, refere-se à coleta e à reflexão sobre o material produzido e à proposição de *insights* e conhecimentos para o mundo. Rowland (2021) invoca os modelos de James Haywood Rolling Jr (2013), que descrevem quatro possíveis abordagens para tal etapa assim caracterizada: o analítico, que se concentra no trabalho com materiais artísticos; o sintético, que busca novas sínteses a partir de discursos culturais existentes; o ativista crítico, que visa a transformação social através da arte, e o improvisacional, que mantém a prática artística aberta e flexível, permitindo que novos significados venham continuamente à tona.

A criação artística, na *Jungian Arts-Based Research*, torna-se, portanto, uma forma de pesquisa que desafia as fronteiras entre arte, ciência e espiritualidade. Questiona, portanto, dicotomias da ciência moderna e propõe uma nova forma de conhecimento criativa e profundamente enraizada na experiência simbólica por meio da arte. Oferece, como a metodologia de Romanyshyn (2021), um caminho para transformar tanto o pesquisador quanto o mundo, por intermédio da interação com o inconsciente e da criação de novas narrativas culturais e psicológicas.

ANÁLISE CRÍTICA DE UM ESTUDO IMAGINATIVO

A dissertação de mestrado *A busca pelo espírito: Uma análise junguiana da obra Com os meus olhos de cão, de Hilda Hilst* (Brito, 2024), propõe uma análise da obra referida que inclui os aspectos ditos irracionais na investigação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, que adota os princípios de que: 1) a escolha do objeto parte de uma preferência subjetiva da(o) pesquisadora(o); e 2) as formulações de hipóteses e questões de pesquisa podem ser formuladas em três tempos: no antes, no durante e após as análises serem realizadas (Minayo, 2002; Sampieri et al., 2013).

Para pensar seu lugar e o de sua escrita, a pesquisadora utilizou o conceito de *la mestiza*, proposto pela autora chicana Glória Anzaldúa (2005), no qual ela afirma que a *mestiza* é um ser fragmentado pela constante influência das fronteiras culturais, ideológicas, biológicas, espirituais e raciais que ela experiencia. Ao mesmo tempo, ela propõe uma integração e conscientização dessas zonas fronteiriças na escrita e na fala de mulheres. Muitas vezes, o que a *mestiza* vivencia é um dilema de síntese entre um mundo cindido entre a técnica e as questões do espírito. Esse conflito faz eco com o fato de ela ter múltiplas influências culturais que se chocam entre si, fazendo a *mestiza*, consequentemente, vivenciar um ataque contra si mesma.

Para Anzaldúa (2005), a saída está em se posicionar em ambas as fronteiras, mesmo que elas sejam contrárias, como forma de sair da posição dicotômica entre opressor-oprimido. A partir desse movimento, o que importa é manter a possibilidade de pensar em novas alternativas frente à cultura colonizadora ao invés de se manter em uma atitude negativa ou de “contraposicionamento”. Entretanto, também consideramos a oposição existente nas margens. Nesse aspecto, evocamos o conceito de símbolo de Jung (1921/2011) para pensar em uma síntese, ainda a ser decifrada, de aspectos inconscientes e conscientes. Logo, no processo de formação do símbolo, o *self* adiciona um terceiro elemento diante das duas partes separadas. Brito (2024) faz a leitura de que esse terceiro elemento é uma consciência mestiza, que, apesar de advir da dor da fragmentação e do dilema de síntese, provoca um movimento criativo contínuo,

que questiona a hegemonia dos paradigmas (Anzaldúa, 2005).

Ao evocar a imagem do rio para convocar mudanças em nossas atitudes perante a escrita, Anzaldúa (2005) nos convida a imaginar diferentes caminhos e a possibilidade de uma abordagem simbólica e imaginativa frente aos problemas de pesquisa. A partir dessas ideias, Brito (2024) lançou algumas perguntas norteadoras da posição de pesquisadora e escritora: como não se posicionar apenas em uma margem opositora? Como viver no entre? Como ser pesquisadora de fronteira? Como inventar uma linguagem própria?

Em sua dissertação, Brito (2024) assevera que Anzaldúa questiona quão perigosa é a atividade de escrita para uma mulher não branca. Alguns pontos elencados pela autora chicana são a invisibilidade e o desconhecimento de outras línguas diversas da prevalente na cultura branca, ou seja, diferentes do inglês. Ela cita o caso da não obrigatoriedade do ensino do espanhol nas escolas e como isso pode ser traduzido com uma violência simbólica para pessoas de outras culturas cujo espanhol venha ser a língua mais próxima. No Brasil, há uma prática semelhante. Ensina-se o inglês como uma segunda língua, mesmo sendo um país rodeado por países hispanofalantes. Entretanto, o ponto que a pesquisa destaca é o quanto a imposição linguística limita as mulheres a considerarem a formulação de uma linguagem própria.

Em cada língua há um sistema e percepção de mundo marcados com ela. Brito (2024) destaca que, ao ser imposta a aprender o inglês desde pequena, a tradução dos seus sentimentos, pensamentos e espírito se desenrolaram de uma forma determinada. O português, como primeira língua, também implica limitações e possibilidades lexicais de expressão. Tais limitações tomam contornos mais específicos ao serem considerados o contexto ambiental e relacional em que se desenvolveu.

Anzaldúa (2021) alerta, assim, sobre os perigos que existem para mulheres não brancas que exercem o ofício da escrita, e acrescenta que esses perigos podem somar-se a outros, como o de ser uma mulher não branca lésbica. O reconhecimento desses marcadores e de seus atravessamentos se aproxima do processo de criação de uma linguagem própria, de fazer uma alquimia de si durante a escrita.

Para Anzaldúa (2021), escrever tem o potencial de manter o espírito da revolta e de compensar realidades insatisfatórias. A escritora cria mundos, seja organizando-os externamente ou internamente. Ela conta histórias com detalhes e contorna aquilo que foi dito sobre si que não é fidedigno. Ela também nos apresenta a possibilidade do autoconhecimento e de nos afastar da solidão.

Brito (2024) convoca outra autora que auxilia a pensar o espaço do entre durante a pesquisa, a psiquiatra alagoana Nise da Silveira, que, como diria Audre Lorde (2019), fez uma apropriação das ferramentas do senhor para criar novos caminhos. A visão hegemônica da psiquiatria no início da carreira de Nise da Silveira propunha tratamentos invasivos como o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia. A alagoana se posicionou contra essas práticas e, para propor alternativa ao fazer psiquiátrico vigente, estudou autores da psicologia, da filosofia e do campo da arte, que pudessem fundamentar a sua proposta. Mas foi o encontro com a Psicologia Analítica que gerou uma das mais ricas reinvenções conceituais e aplicações práticas pela autora.

Ao lançar mão de conceitos operativos da Psicologia Analítica, como mundo interno e externo, ela observou esses universos tanto em si quanto nos sujeitos que ela atendeu e, a partir de diversas linguagens artísticas, acompanhou o desenvolvimento não linear das imagens. Em seu entendimento, à terapeuta é exigida a tarefa de conexão emocional com as figuras emergentes e a criação de um espaço seguro para retornar dos mergulhos entre mundos, como uma escafandrista.

Além disso, Nise da Silveira propunha, através das atividades expressivas, a observação *em série* das imagens produzidas por seus clientes. Essa produção imagética não se apresentava de forma linear, podendo apresentar movimentos de retorno e de progresso nas imagens, assim como essas imagens podiam representar processos psíquicos paralelos e concomitantes, como acontece às claves musicais que orientam o movimento de cada mão ao piano (Silveira, 2015). Tais imagens são representações simbólicas, cuja mensagem está por via de decifração.

Para facilitar a leitura dos elementos que se apresentam, faz-se necessário a apreensão de duas ou mais línguas, ou seja, faz-se pertinente o estudo de linguagens mitológicas. Assim como os acontecimentos intrapsíquicos se desenrolam em duas ou mais claves paralelas, o processo de pesquisa também se assemelha nesse sentido.

Assim, ao abordar as proposições das duas autoras, Brito (2024) teceu reflexões sobre novas possibilidades metodológicas que pudessem incluir a *fronteira*, o *entre*. Apesar das diferenças entre as autoras na posição em relação a se apropriar de um aparato teórico externo, considerou as duas atitudes: a de criação de uma nova linguagem como uma nova ilha e a de habitar margens já existentes para a finalidade de síntese. Brito utilizou intuições, sonhos e sincronicidades em seu estudo, além de propor uma escrita inclusiva tanto da esfera pessoal quanto da esfera técnica, indispensável quando se trata de trabalhos acadêmicos.

Para adentrar no mundo interno da pesquisa, além das proposições teóricas apresentadas acima, a pesquisa de Brito (2024) utiliza algumas contribuições de Romanynshyn

(2021) para uma pesquisa *com alma*. Brito (2024) recorre ao segundo autor para asseverar que a linguagem é um limitador ao se tratar um fenômeno psicológico, e que isso coloca a(o) psicóloga(o) como uma(um) “poeta fracassada(o)”: “O psicólogo/pesquisador como ‘poeta fracassado’ é aquele que reconhece a lacuna entre o consciente, e o inconsciente e que dentro desse espaço participa do cultivo do símbolo, cuja epifania Jung descreveu como uma função transcendente” (Romanynshyn, 2021, p.9; tradução nossa).

O processo de pesquisa é visto, assim, como um lamento constante por aquilo que se perde do fenômeno psíquico ao tentar retratá-lo em uma linguagem acadêmica. Diante da perda, adota-se uma postura de renúncia pela linguagem psicológica para não se perder de vista o que há de psicológico. Sob esse ponto de vista, mesmo diante do fracasso em ser poeta, existe uma abordagem poética durante a pesquisa, já que ela abriga e recebe as imagens que aparecem, seja em sonhos, visões ou em sincronicidades.

No estudo de Brito (2024), ela registrou cinco sonhos e uma sincronicidade ao longo do período da pesquisa, inserindo-os como parte de sua trajetória. No primeiro sonho, ia se matricular em uma escola de ballet, mas acabou sendo levada para a beira-mar de sua cidade pela dona da escola e sua filha. Ao chegar lá, foi levada a uma quadra de areia e apresentada a um técnico de futebol, que também era professor de letras. Ele a orientou a ler sobre *intertextualidade* toda semana, como se fosse um treino. Desse sonho, a autora relata ter extraído um dos princípios metodológicos de análise, originalmente externo à Psicologia, utilizados em sua pesquisa, a intertextualidade. Trata-se, segundo a autora, de um conceito radicado no dialogismo de Mikhail Bakhtin, cuja ideia principal é a de que um texto possui inúmeros diálogos, referências veladas, em sua composição.

Nesse sentido, considera-se que uma obra, em sua dimensão discursiva, não está isolada de outras obras e muito menos do público. Assim, um texto é o resultado de uma polifonia e seu criador pode utilizar referências diretas para compor sua criação ou se autorreferenciar, como Brito (2024) defende ser o caso de Hilda Hilst.

O segundo sonho narrado pela autora dialoga com a sincronicidade também registrada. Nele, ela se encontra no segundo apartamento em que morou em sua antiga cidade e, dentro dele, há um casal composto por um homem e uma mulher. O homem lhe diz que um livro de poesia iria lhe tirar do projeto de pesquisa e ele a orienta a ler os capítulos sobre as irmãs Brontë, do livro de Barbara Hannah (2011) sobre o *animus*. Daí, a sonhadora pega o livro e vai a uma gráfica rápida, onde copia esses capítulos e os dispõe como se fossem um livro só.

A autora relata que na época em que teve esse sonho, não conseguia começar a pesquisa, apenas realizava ajustes no projeto. Enfrentava um problema em relação à escolha da obra de Hilst a ser analisada. Pretendia analisar três obras da

autora em três diferentes gêneros textuais e a justificativa da escolha era a de ter a possibilidade de analisar a intertextualidade entre elas. Segundo seu relato, apresentou esse projeto no grupo de pesquisa da universidade e, durante a apresentação, o cachorro do seu companheiro faleceu. Brito (2024) confessa ter ficado muito mobilizada afetivamente com a notícia, e buscou uma obra de Hilst cujo título possuía a palavra “cão” e, com esse ato, um livro de poesia mobilizou o início da pesquisa e a escolha da obra a ser analisada, pondo fim ao conflito que vinha vivendo.

Para analisar a obra, Brito (2024) realizou uma extensa pesquisa bibliográfica sobre Hilda Hilst e sua produção e sobre o conceito de *animus* na literatura junguiana clássica e isso, irremediavelmente, fez com que a obra *The Animus*, de Barbara Hannah (2011) fosse adotada como uma das principais obras de referência.

Em suas análises, Hannah (2011) ressalta as obras das escritoras Brontë, que surgiram no terceiro sonho relatado pela pesquisadora. Na experiência onírica, um professor universitário indicava a leitura das obras das irmãs Brontë, pois caso a sonhadora achasse uma mulher semelhante, teria grande ajuda na pesquisa. Assim, as famosas escritoras acabaram integrando suas leituras de pesquisa e atividades acadêmicas.

No quarto sonho, a sonhadora se viu na Casa do Sol - onde Hilst se dedicava à escrita e abrigava, e ainda abriga, artistas de várias formas - e ela era próxima da cidade onde Jessiane de Brito fazia seu mestrado. Estava acontecendo uma espécie de sarau ao redor da figueira e alguém ia ler as poesias de Hilst. Mas a escritora intervinha e falava para ela: “você que está fazendo um mestrado sobre uma obra minha, leia” (Brito, 2021, p.90). A sonhadora, então, começava a ler e havia uma música lhe atrapalhando, pois ela ficava querendo ler no ritmo da música. Ao mesmo tempo, era difícil abrir os olhos para ler, porque as poesias eram muito luminosas. Esse sonho convocou a pesquisadora a uma aproximação com o fazer artístico.

Na parte final da pesquisa, Brito (2024) amplificou elementos simbólicos da obra *Com os meus olhos de cão* (Hilst, 2006) e, para isso, analisou 12 dos 23 poemas da obra. A partir da delimitação da ideia psicológica central da obra, a convergência com o numinoso, foram amplificados os elementos relacionados, utilizando-se, para isso, de material coletivo, dados biográficos e textos de Hilda.

Como o final do quarto sonho apresenta o problema de se olhar diretamente para algo que possui muita luz, a etapa de amplificação foi revelando muitos sentidos para os elementos da obra que davam a impressão de estar vendo demais. Ao mesmo tempo, se reconhece que o método, por si só, protege o símbolo de um possível empobrecimento no processo de interpretação e protege a pesquisadora para não se afundar nas diversas imagens e possíveis significações que elas possam vir a ter.

Encontramos, portanto, alguns entrelaçamentos com os métodos do pesquisador ferido, de Romanyshyn (2021) e da Pesquisa junguiana baseada em artes (Rowland, 2021, 2023). Inicialmente, considerou-se uma mobilização subjetiva em torno do objeto escolhido advinda de natureza inconsciente. Isso ocasionou tanto um aspecto vocacional em torno da pesquisa, traduzindo-se em um grande envolvimento e investimento no tema, como a consideração do inconsciente como uma fonte de saber psicossomático de caráter criativo e simbólico.

O sonho em que Hilst convoca Brito a recitar sua poesia permite à pesquisadora experienciar uma personificação da alteridade da poeta, possível apenas por meio da fantasia e que traduz uma “imersão corporal”, detalhada como parte importante da fase de preparação da *Jungian Arts-Based Research*. Ainda em consonância com a etapa de preparação, observamos o processo de levantamento bibliográfico realizado na pesquisa, visto que, ali, a autora considera as manifestações arquetípicas na obra de arte conjuntamente com a literatura acadêmica.

Posteriormente, foram consideradas as imagens emergentes em sonhos e em outras manifestações inconscientes, como as sincronicidades. Um procedimento de abertura em torno desse material que corresponderia às etapas de processo da *Jungian Arts-Based Research* e ao *cultivo do devaneio*. Relacionado a isso, a pesquisadora afirma ter utilizado o diário como uma forma de registrar tais manifestações, utilizando a escrita como o espaço de recepção.

O registro e elaboração dos sonhos e da experiência da morte do cão, não apenas como coincidência, mas como sincronicidade, apresenta uma nuance própria de processo da *Jungian Arts-Based Research* e da pesquisa com alma de Romanyshyn (2021). Mesmo nessa etapa, o objeto de estudo não está confinado às definições iniciais, mas transforma-se junto da autora (sujeito), demonstrando hospitalidade às imagens do inconsciente como terceiro na relação de pesquisa e, por isso, como condicionador do sentido do par sujeito-objeto.

Para lidar com o material subjetivo e com o material da obra artística, foram utilizadas, por fim, a amplificação dos conteúdos, de forma que a obra literária adquiriu novos significados, ou seja, foi conquistado um trabalho de síntese com materiais já existentes, mas também houve um processo de autotransformação da pesquisadora ao realizar esses procedimentos metodológicos. O que se coloca como novo e dialoga com a *Jungian Arts-Based Research* e o último sonho é a possibilidade de trabalhar com a arte, principalmente com a escrita e a performance.

Ao concluir seu trabalho nesse diálogo com as possibilidades de compreensão da Psicologia Analítica e de abertura para a elaboração artística, Brito (2024) apresenta uma *projectio* que se aproxima do modelo de retorno

sintético ao mundo. Não se reduz, todavia, a tal demarcação, visto que evita o reducionismo psicológico, evita encerrar em nota teórica. Compõe, isso sim, um convite detalhado aos símbolos expressos na obra de Hilda Hilst.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos, no início, que a ideia de criatividade espontânea do inconsciente se manifesta na produção de imagens. Compreendemos, com isso, que a relação entre sujeito e objeto de pesquisa se dá em um encontro dialético entre consciência, campo de diferenciação e racionalização já reconhecido na tradição científica, e inconsciente, compreendido pela Psicologia Analítica como fonte primeira de imagens. Isso exige uma mudança de postura metodológica na ciência em todos os campos nos quais a consciência se confronte com imagens inconscientes, ou seja, em todos os campos investigativos possíveis.

Restringindo-nos, obviamente, ao campo psicológico, reconhecemos que Romanyshyn (2021) e Rowland (2021, 2023) levam isso em consideração. Mais ainda, pudemos revisitar um estudo científico brasileiro que já se vale das ideias de Jung e Romanyshyn, pondo-as em diálogo com a perspectiva crítica de Anzaldúa (2005). Brito (2024) conseguiu se manter suficientemente distanciada de uma prescrição estagnada das posições de sujeito e objeto de investigação e, com isso, conduziu-se por um método que permite as transformações desde um diálogo vivo com o inconsciente, na qual as imagens da pesquisadora, da obra enfocada e da poeta puderam interagir entre si e com o mundo. Desta forma, como destacamos na seção prévia, realizou também várias das indicações da *Jungian Arts-Based Research*.

Uma pesquisa aberta à imaginação, certamente, é menos segura do ponto de vista da racionalidade, mas é mais comprometida com os achados da Psicologia Analítica e as consequências disso não se esgotam em um planejamento de pesquisa. Incluem caminhada - o método propriamente dito - e os resultados. Decerto, as principais implicações parecem estar relacionadas às mudanças na forma de ver sujeito e objeto. Reconhecemos que a dúvida na consciência surge quando o inconsciente se manifesta desde dentro, como dúvida subjetiva, ou de fora, como uma novidade não compreendida no campo das ocorrências objetivas. Tudo são imagens.

Por um lado, pode-se levantar a crítica de que o pesquisador estaria pesquisando suas próprias feridas. Pelo outro, porém, assume-se isso como inevitável e presente na noção do pesquisador ferido, do fazer terapia com o mundo e na mudança de escolha de objeto promovida por uma dor que cumpre a dimensão afetiva de um "acontecimento sincronístico" (Jung, 1997/1952, p.43). Os modelos que apontamos seguem sólidos no acolhimento da presença da

criatividade espontânea do inconsciente e no sentido contínuo de transformação sujeito-objeto.

Além disso, a investigação que se desprende das amarras estritamente racionais e se remete ao acolhimento das imagens deixa seus resultados abertos à polissemia simbólica, ao menos no que diz respeito à proposta de Rowland, aos resultados de Brito e aos tensionamentos de Jung. A despeito da compreensão e da exposição textual sob formato científico, a polissemia do símbolo não é reduzida a conceitos, mas amplificada por eles. Nosso esforço, aqui, visou meta análoga: amplificar as proposições da Psicologia Analítica de um engendramento sujeito-objeto no confronto e participação com a imagem simbólica como parte inerente, ainda que tantas vezes deixada latente, do própria fazer científico.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: J.K.N.B, F.M.J. e S.S.B. contribuíram para a conceitualização, investigação, redação (preparação do rascunho original) e visualização do artigo; S.S.B foi responsável pela redação (revisão e edição do texto); J.K.N.B. e F.M.J. fizeram a metodologia; F.M.J. se responsabilizou pela administração do projeto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

O estudo desenvolvido no manuscrito foi financiado parcialmente pela bolsa de mestrado da primeira autora (CNPq-UFSJ) (CAPES).

REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, G. (2005). La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, 13(3), 704-719.
- Anzaldúa, G. (2021). *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. A Bolha Editora.
- Boechat, N. (2012). *O livro vermelho de Jung*. Vozes.
- Brito, J. K. N. (2024). *A busca pelo espírito: Uma análise junguiana da obra Com meus olhos de cão, de Hilda Hilst*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João del Rei].
- Comte, A. (1978). Curso de filosofia positiva. In J. A. Giannotti (Sel.), *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista* (pp. 153-290). Abril Cultural. (Obra original publicada em 1830)

- Deleuze, G., & Guattari, F. (2020). *Mil platôs* (Vol. 1). Editora 34.
- Foucault, M. (2014). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Gadamer, H.-G. (2015). *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Vozes.
- Hannah, B. (2011). *The Animus: The spirit of inner truth in women*, vol. 1. Chiron.
- Haraway, D. J. (2016). *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno*. N-1 Edições.
- Hilst, H. (2006). *Com os meus olhos de cão*. Globo.
- Humbert, E. G. (1985). *Jung*. Summus.
- Jung, C. G. (1997). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 8/3: Sincronicidade*. Vozes. (Obra original publicada em 1952)
- Jung, C. G. (1998). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 4: Símbolos da transformação*. Vozes. (Obra original publicada em 1912)
- Jung, C. G. (2000). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 8/2: A natureza da psique*. Vozes. (Obra original publicada em 1947)
- Jung, C. G. (2006). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 17: O desenvolvimento da personalidade*. Vozes. (Obra original publicada em 1950)
- Jung, C. G. (2011). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 6: Tipos Psicológicos* (4a ed). Vozes. (Obra original publicada em 1921)
- Jung, C. G. (2015). *Obras completas de C. G. Jung, vol. 9/2: Aion – Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (4a ed.). Vozes. (Obra original publicada em 1951)
- Lorde, A. (2019). *Irmã Outsider*. Autêntica.
- Minayo, M. C. S. (2002). Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In Minayo, M. C. S. (org), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Mota, B. C. D. (2019). *Na teia do racismo: Trauma coletivo e complexo cultural... marcas do Brasil negro!* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional UFRRJ. <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14532>
- Oliveira, C. T., & Charreu, J. A. (2016). Pesquisa baseada em artes: Um panorama conceitual e metodológico. *Revista Brasileira de Pesquisa Qualitativa*, 4(7), 125-146. <https://doi.org/10.18381/2179-1740/rbpq.v4n7p125-146>
- Ostrower, F. (2014). *Criatividade e processos de criação*. Editora Vozes.
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71–94.
- Penna, E. M. D. (2007). Pesquisa em Psicologia Analítica: Reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. *Bol. psicol*, 56(127), 127–138. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200002&lng=pt&tlng=pt
- Penna, E. M. D. (2009). *Processamento simbólico arquetípico: Uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15817>
- Rancière, J. (2008). *O espectador emancipado*. WMF Martins Fontes.
- Rolling, J. H. Jr. (2013). *Arts-Based Research Primer*. Peter Lang Inc., International Academic Publishers.
- Romanyshyn, R. D. (2021). *The wounded researcher: Research with soul in mind*. Routledge.
- Rowland, S. (2021). *Jungian arts-based research and the nuclear enchantment of the Great War*. Routledge.
- Rowland, S. (2023). Jungian Arts-Based Research (JABR): What it is, Why do it, and How. *Journal of Analytical Psychology*, 68(2), 436–439. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12889>
- Sampieri, R.H., Collado, C. F., & Lucio, M. D. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Penso.
- Santos, B. S. (2009). *Um discurso sobre as ciências*. Edições Afrontamento.
- Seixas, A., & Mendonça, J. (2024). Cartografias de mulheres no asfalto: Diálogos sobre o complexo cultural do machismo. *Junguiana*, 41(3), 39-52. <https://doi.org/10.70435/junguiana.v41i3.55>
- Silveira, N. (2015). *Imagens do Inconsciente*. Vozes.
- Souza, J. R. A., & Melo, W. (2023). Um Olhar da Psicologia Analítica sobre a Autolesão. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(3), 1048-1069. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.79277>
- Stein, M., & Schwartz-Salant, N. (2021). *Transferência e contratransferência: Ensaio contemporâneos sobre a interação entre analista e paciente na psicoterapia junguiana*. Cultrix.
- Vechi, L. G. (2018). A hermenêutica junguiana em estudo: Aplicações possíveis na pesquisa qualitativa em Psicologia. *Revista de Psicologia*, 9(2), 21–30. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/18806>
- Von Franz, M.-L. (1988). *O caminho dos sonhos*. Cultrix.
- Von Franz, M.-L. (1997). *Alquimia e imaginação ativa*. Cultrix.
- Wahba, L. L. (2019). A Criação de Sensibilidades: Epistemologia e Método na Psicologia Analítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3548. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3548>
- Wahba, L. L., & Ulisses, S. M. V. (2020). Subjetividade na pesquisa em psicologia analítica: Uma perspectiva ética. *Junguiana*, 38(2), 33–40. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000200003&lng=pt&tlng=pt

Recebido em: 30/09/2025

Primeira decisão editorial em: 15/07/2025

Aceito em: 15/08/2025